

RESSIGNIFICANDO SABERES NO ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS IDOSOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE ABERTA À MATURIDADE (UAMA)

Camila Maciel Cordeiro¹
Yane Maria Medeiros Lima²
Karyne Soares Duarte Silveira³

RESUMO

A Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – *Campus I*), consiste, por natureza, em um espaço de inclusão social da pessoa idosa através da promoção da socialização e da aquisição do conhecimento na área de educação para o envelhecimento humano. Para além de seu propósito primeiro, pesquisas (Silveira, 2020; Brito, 2018; Borges, 2016) evidenciam o caráter da UAMA como *locus* privilegiado de (trans)formação docente. Neste sentido, o objetivo deste trabalho, de abordagem qualitativa interpretativista (Denzin; Lincoln, 2006), é refletir sobre os saberes construídos por duas professoras de inglês em formação inicial no ensino para alunos idosos em um curso de extensão na UAMA com base em suas narrativas. A nossa análise foi realizada à luz das contribuições teóricas de Borges e Silveira (2021), Silveira (2020), Porto (2018), Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2010), Machado, Chaves e Oliveira (2009) e Oliveira (2001), no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de inglês para alunos idosos, dentre outros autores. Como principais resultados, verificamos nos relatos das professoras que os principais temas mencionados contemplam os desafios enfrentados, o papel do planejamento e do estudo contínuo, a variedade de atividades realizadas e, sobretudo, os saberes ressignificados ao longo da experiência de ensino.

Palavras-chave: Formação Docente, Ensino de inglês, Alunos Idosos, Saberes ressignificados.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2009, a Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), vinculada à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB - *Campus I*), caracteriza-se como um espaço gratuito de inclusão social da pessoa idosa (a partir de 60 anos) através da promoção da socialização e da aquisição do conhecimento por meio do curso de Educação para o Envelhecimento Humano. Esse curso tem duração de dois anos (quatro semestres) e é composto por disciplinas obrigatórias e optativas distribuídas em quatro eixos, a saber:

¹Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, camila.cordeiro@aluno.uepb.edu.br.

²Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, yane.medeiros@aluno.uepb.edu.br.

³Professora orientadora: Doutora em Linguística, professora do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, karynesoares@servidor.uepb.edu.br.



(i) Saúde e Qualidade de vida, (ii) Educação e Sociedade, (iii) Cultura e Cidadania e (iv) Arte e Lazer. É no terceiro eixo⁴ que está previsto o componente de Língua Estrangeira no currículo.

Com base nessa previsão curricular, bem como na demanda do grupo de alunos idosos, no ano de 2016, passou a ser ofertado um curso de inglês para a turma da UAMA, por meio do projeto de extensão universitária intitulado “*Let’s speak English: experiência de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa na maturidade*”, sob a coordenação da professora orientadora deste trabalho. Desde então, algumas pesquisas desenvolvidas (Borges, 2016; Brito, 2018; Silveira, 2020) evidenciam o caráter da UAMA como *locus* privilegiado de ensino-aprendizagem da língua-alvo, bem como de (trans)formação docente.

Com base nesse contexto, o presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de promover reflexão sobre os saberes construídos por duas professoras de inglês em formação inicial no ensino para alunos idosos em um curso de extensão na UAMA com base em suas narrativas. A nossa análise foi realizada à luz das contribuições teóricas de Borges e Silveira (2021), Silveira (2020), Porto (2018), Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2010), Machado, Chaves e Oliveira (2009) e Oliveira (2001), no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de inglês para alunos idosos, dentre outros autores.

A seguir, descrevemos a metodologia utilizada para a realização deste estudo, em seguida, apresentamos a nossa fundamentação teórica a respeito de como as pessoas idosas aprendem e sobre o ensino de inglês para idosos. Na sequência, discorreremos sobre os resultados e discussões a partir dos relatos das professoras colaboradoras deste estudo e, por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa interpretativista de pesquisa, por meio da qual podemos interpretar o fenômeno em seu cenário natural a partir dos pontos de vista das pessoas envolvidas (Denzin; Lincoln, 2006).

Foram colaboradoras deste estudo duas professoras de inglês em formação inicial (professora A e professora B), que, na época, estavam cursando o 6º período da

⁴ Disponível em:

<https://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/componentes-curriculares/#1652204852892-7307660d-0992>
(Acesso em: 20 out. 2025)



Ao longo desse período, as professoras visitaram a sede da UAMA, estudaram textos teóricos sobre envelhecimento humano, ensino de inglês para idosos, analisaram planos de aula e sequência didáticas elaboradas, tiveram reuniões com a coordenadora do projeto, elaboraram planos de aula e materiais didáticos, ministraram as aulas e avaliaram o trabalho realizado. Com base nessa vivência, a coordenadora do projeto solicitou, ao final da experiência, que cada professora elaborasse um relato descrevendo o que foi vivenciado, como forma de possibilitar uma reflexão sobre a experiência de ensino. Foram esses relatos que utilizamos como *corpus* deste estudo, cuja análise será apresentada na seção de resultados e discussão deste artigo.

O termo aprendizagem pode ser definido como a capacidade do aprendiz de pôr em prática o que foi adquirido ao longo de suas vivências para que sejam criados novos sentidos e para que a informação obtida seja convertida em conhecimento (Valente, 2001). Neste sentido, segundo Andrade *et al.* (2013, p. 156), a aprendizagem “refere-se ao modo como os seres humanos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento.” Com isso, a aprendizagem deve ser entendida como um processo contínuo, desenvolvido durante todas as fases da vida (Valente, 2001).

Apesar desse entendimento, foram criados mitos em relação à impossibilidade de aprendizado na fase de envelhecimento. Para muitos, ao se tornar uma pessoa idosa, a capacidade de aprender e desenvolver novas habilidades desaparece por completo (Pereira, 2009). Contudo, graças à comprovação de que o cérebro está em constante mudança e crescimento, compreendemos que a idade não é um fator de impedimento na aprendizagem, mas sim que, nesta fase, há uma mudança na forma como se aprende. Durante esse período, a aprendizagem tem como principal enfoque a resolução de



problemas e a superação de desafios impostos pelos próprios aprendizes (Boianoski; Fernandes, 2006).

De acordo com Porto (2018, p. 24), “[...] toda pessoa no processo de envelhecimento passa por modificações no desempenho cognitivo”; a depender de cada indivíduo, essas diferenças podem ser evidenciadas gradativamente ou de uma forma mais marcante. Esse é um processo natural que ocorre durante o envelhecimento humano. A mesma autora (2018, p. 25) explica que “[...] para se ter qualidade de vida, é preciso continuar obtendo a independência do saber selecionar, organizar e executar as ações interligadas ao comando cerebral”, assim, a educação pode ser uma ferramenta eficaz no desempenho cognitivo. O grau de escolaridade, por exemplo, influencia no período de envelhecimento de maneira positiva exercendo um papel de proteção neuronal, como demonstram as pesquisas (Porto, 2018).

A pessoa idosa, ao tornar-se aluna, pode apresentar dificuldade para memorizar novas informações e ter preferência por aulas mais tradicionais e expositivas devido ao sistema de ensino que pode ter vivenciado durante o seu período escolar, além disso, pode apresentar baixa autoestima e falta de motivação para o novo aprendizado (Boianoski; Fernandes, 2006). Ademais, fatores externos, como barulhos e interrupções ou questões relacionadas à saúde da pessoa idosa podem se tornar um obstáculo a ser superado. Entretanto, levando em consideração que é necessário um espaço de tempo maior para a realização dos processos neuropsíquicos e respeitando esse tempo, os alunos idosos demonstram capacidade de aprender e apropriar-se de novos hábitos e conhecimentos (Oliveira, 2001).

É por meio da educação que a pessoa idosa pode criar vínculos com a sociedade a fim de que possa socializar e estabelecer relações comunicativas. Por isso, conforme esclarece Porto (2018), a população idosa, bem como as crianças precisam conviver em sociedade, ou seja, não podem viver isoladas ou excluídas. Em sintonia com esse pensamento, Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2010, p. 5) evidenciam em seus estudos que: “[a] educação emerge como uma alavanca para o fortalecimento da autoestima e da integração dos idosos na sociedade, procurando transpor as limitações e preconceitos que aprioristicamente são impostos a essa faixa etária.”

Por essa razão, ao perceber que sua função social não acaba com o processo de envelhecimento, a pessoa idosa encontra seu lugar dentro da sociedade e se conscientiza sobre a sua capacidade de realizar diversas atividades (Oliveira; Scortegagna; Oliveira, 2010). Neste sentido, Silveira (2020, p. 20) argumenta que a “velhice (ou terceira idade)



Diante do exposto, concordamos com Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2010) ao defenderem que o professor não seja apenas um transmissor de conteúdo, mas um agente consciente, que pensa criticamente a respeito do que é abordado em sala de aula e que leve em consideração questões culturais e as experiências vividas pelos alunos para que se torne um professor pesquisador e um facilitador no processo de aprendizagem da pessoa idosa.

O ensino de uma língua estrangeira, neste caso, a Língua Inglesa, possui suas complexidades e desafios. Sabendo disso, para introduzir o ensino dessa língua em sala de aula no cenário específico da UAMA, é importante levar em consideração o contexto, a cultura e as peculiaridades dos alunos dentro daquele ambiente.

Para isso, se fazem necessários o estudo e a pesquisa (teoria) associados à devida prática pedagógica para o bom desenvolvimento da língua-alvo em sala de aula, pois estamos tratando de um grupo de alunos que, em sua maioria, apenas usou a sua língua materna ao longo da vida (se levarmos em consideração o contexto histórico do nosso país), fato esse que pode justificar, por exemplo, alguns desafios fonéticos iniciais como a compreensão e articulação de alguns sons da Língua Inglesa. Quanto a essa questão, Boianoski & Fernandes (2006, p. 1112) esclarecem que: “A metodologia deve levar em conta a diminuição da acuidade auditiva, o incômodo ao se expor diante de uma habilidade que não domina, e a tendência ao uso da língua materna nas discussões em grupo.” Ou seja, mesmo que os alunos demonstrem interesse em aprender um novo idioma (o que normalmente é aparente), podem surgir certas adversidades (como a



difficuldade auditiva, visual e/ou de memória, dentre outras) que interferem nesse aprendizado.

Desse modo, as aulas precisam ser elaboradas levando em conta os interesses dos alunos e as dificuldades de aprendizagem que podem surgir (Boianoski; Fernandes, 2006). Por isso, é necessário trazer materiais fáceis de acompanhar e ouvir, usando como apoio a repetição e a revisão dos conteúdos para auxiliar a pronúncia da língua-alvo, práticas essas importantes, já que pessoas idosas demonstram, em geral, maior dificuldade em pronunciar e compreender corretamente certas palavras, justificando, assim, uma maior prática de repetição (Boianoski; Fernandes, 2006).

Além disso, o uso de materiais e ferramentas digitais nas aulas de inglês, como músicas e vídeos, pode contribuir para o fortalecimento da autoestima e autonomia dos alunos (Borges; Silveira, 2021), visto que ao interagir entre si sobre os conteúdos e ajudarem uns aos outros por meio desses meios digitais, além de revisarem o que foi visto em sala, os alunos desenvolvem também habilidades tecnológicas, o que pode favorecer sua inclusão digital. Desse modo, entendemos que o efetivo engajamento do professor, desde o planejamento de aulas, é de extrema importância para orientar os alunos, desmistificar estereótipos, relacionar o cotidiano dos alunos a esses conteúdos e ferramentas, estimular a criatividade, assumindo, assim, uma postura inovadora dentro da sala de aula (Oliveira, 2001).

Nessa perspectiva, Machado, Chaves e Oliveira (2009) afirmam que, ao desenvolver os aspectos sociais e criativos dos alunos durante as aulas, por meio de atividades comunicativas e integradas com ferramentas digitais, o professor pode beneficiar sua qualidade de vida, “[p]ermitindo, ao idoso, maiores perspectivas de inserção social, além de melhorar consideravelmente sua qualidade de vida – física, intelectual e cultural” (p. 36).

Visando esses aspectos, um dos pontos levados em consideração dentro da sala de aula é o aspecto afetivo, já que é comum nesse contexto os alunos exporem suas emoções e, mesmo que alguns professores não deem a devida importância, Borges e Silveira (2021) apontam que é um aspecto significativo na promoção da aprendizagem, favorecendo o maior engajamento dos alunos nas aulas. Assim, concordamos com as autoras e acreditamos que trazer esses aspectos emocionais para o ensino pode promover um ambiente acolhedor para os alunos se expressarem e compartilharem suas experiências de vida e de aprendizado da língua-alvo.



A seguir, apresentamos a nossa análise sobre os relatos elaborados pelas professoras colaboradoras deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, compartilhamos os relatos elaborados pelas professoras A e B referentes à experiência de ensino de inglês para alunos idosos da UAMA (com destaque, em negrito, dos trechos utilizados para análise), bem como a nossa análise e discussão à luz da teoria utilizada para a realização deste estudo.

Relato da professora A

Inicialmente, fui encorajada por colegas de sala para participar do projeto [de ensino de inglês para alunos idosos] e uma das colegas que mais me incentivou a participar desse projeto usou como argumento que, por eu ser uma pessoa calma e paciente, poderia me dar bem naquele novo ambiente. Com isso, busquei conhecer como funcionaria o projeto e decidi enviar minha inscrição (...). Encantada com a ideia e com pensamentos de como aquilo poderia me afetar como pessoa e na minha carreira como professora para desenvolver novas habilidades e conhecer realidades de ensino diferente, busquei conhecer melhor a UAMA e sua história, juntamente com minha colega, que planejou as aulas durante aquele período e nossa orientadora e coordenadora.

(...) comecei a participar na prática no dia 11 de setembro de 2024, porém **a primeira aula foi pensada e planejada com muito cuidado semanas antes de conhecer a turma**, e continuei até o dia 27 de novembro do mesmo ano. Assim, é possível afirmar que **passamos um período curto de aulas, o que trouxe um pouco de dificuldade para desenvolver os conteúdos com o tempo tão limitado**, já que precisávamos encerrar nossos encontros em conjunto com a coordenação e curso que já havia iniciado desde fevereiro. (...) durante as aulas nós professores buscamos sempre encorajar e desenvolver a fala dos alunos - esse foi um dos pontos que mais foi comentado durante nossa primeira aula, já que eles gostariam de desenvolver seu inglês focando essa habilidade e assim foi feito.

Foi possível notar alguns desafios durante as aulas, alguns deles como a falta de confiança dos estudantes na hora de se expressar ou até mesmo de ter a capacidade de aprender, algo que foi quebrado durante esse tempo de aprendizagem, pois a idade deles não iria definir se eles poderiam ou não aprender uma nova língua e a maior prova desse relato foi a nossa última aula, na qual cada um conseguiu falar, até com um pouco de medo, tudo que aprendemos naquele curto período.

Além das aulas na prática, sempre recebi a orientação da coordenadora, que demonstrou **muito cuidado e atenção com nossos planos de aula e desenvolvimento em sala, já que, durante meu tempo no projeto, sempre mantivemos um contato contínuo para esclarecer dúvidas, trazer relatos, compartilhar experiências e estudar em conjunto sempre antes das aulas para que tudo saísse de uma forma condizente com a realidade dos alunos e que os agradasse para continuarem motivados e ativos durante a aprendizagem.** Assim, posso afirmar que, quando encorajamos os idosos a aprender e o incluímos novamente no meio social e de ensino, **podemos obter resultados positivos e satisfatórios em seu desenvolvimento de uma nova língua ou, até mesmo, de outras áreas. Esse é o trabalho que é feito dentro da UAMA que admiro e continuarei admirando mesmo após sair do meu cargo no projeto.**

Considerando o que foi dito anteriormente, minhas expectativas iniciais não fugiram muito do que pude viver durante esses 3 meses dentro do projeto; posso afirmar que foi até melhor do que havia imaginado, pois, no início tive um forte receio de cometer erros ou de não ser aceita pelos alunos devido a distante diferença de idades, mas conseguimos fazer as aulas



fluírem bem, com bastante brincadeiras, piadas entre alunos e professor que deixavam o clima mais leve, além de mostrarem empatia pelo meu esforço e da minha colega durante esse tempo, já que foi comentado desde o início que éramos professoras em formação [inicial]. (...)

Como comentado anteriormente, as aulas sempre foram planejadas e pensadas com muito cuidado, estudo e com referências teóricas para que não fugisse daquela realidade em que estávamos trabalhando. (...) Muitas vezes, o trabalho era dividido para que facilitasse nosso desempenho; caso eu buscasse materiais para apresentar em sala de aula, a outra professora daria ideias de como aplicá-los; outro exemplo seria na apresentação dos conteúdos, **sempre buscamos manter as atividades e apresentações dinâmicas para que não ficassem infantis ao olhar dos alunos, porém não se tornarem monótonas, caso surgisse algum desinteresse durante aquele período.**

Com isso, durante os 3 meses realizamos atividades focadas em *Speaking* e *Listening*, já que os alunos demonstravam vontade em falar a língua estrangeira com naturalidade, sempre utilizando músicas e vídeos para trabalhar a audição, bastante exemplos escritos em quadro, *slides* ou *cards* para que os alunos pudessem repetir e utilizar durante as aulas ou até mesmo em interações individuais (...). Posteriormente, foram encontrados alguns desafios durante o ensino, pois tínhamos **pouco tempo para desenvolver a fala e a audição e os alunos que precisavam de muita repetição e paciência para ensinar, visto que, após uma determinada idade, podemos demorar mais a aprender ou desenvolver uma habilidade nova.** (...)

Por fim, posso afirmar que minha experiência durante o projeto para ensino de inglês na UAMA será sempre uma bagagem que me ajudará a lidar com diferentes turmas e realidades, **onde quebrei o estereótipo de que o ensino de uma língua estrangeira para pessoas idosas não é só possível como também possui um significado e impacto imenso**, trazendo benefícios para a autonomia dos alunos, re-inclusão social e realização pessoal de cada um que participa do projeto.

Diante disso, sinto como se os meus alunos tivessem me ensinado mais do que ensinei a eles; foi dentro do projeto que aperfeiçoei minha presença como professora dentro da sala de aula, nesse ambiente que me senti tão acolhida, aprendi a desenvolver e ministrar as aulas utilizando a participação e fala dos alunos dentro da sala de aula, descentralizando o conteúdo de mim e trazendo a prática para eles, mas sempre seguindo o conteúdo no ritmo da turma, implementando vídeos, exemplos escritos, falados e aumentando o vocabulário com músicas. (...)

Relato da professora B

(...) Ao ter conhecimento sobre [a UAMA], tive interesse e preenchi um formulário via *Google Forms* para me inscrever, após alguns dias fui chamada para participar de uma entrevista com a professora coordenadora. Depois de um certo período de tempo, após ter realizado a entrevista, obtive o resultado de que eu tinha sido aprovada junto com outra inscrita que seria minha colega e parceira de projeto.

De início, criamos um grupo no *Whatsapp* junto com nossa coordenadora para discutirmos sobre como seria o início e como se sucederia. Fui visitar/conhecer a UAMA no dia 6 de setembro de 2024, nesse mesmo dia fui apresentada aos alunos. Após a primeira reunião, a partir das orientações que nos foram dadas sobre o funcionamento das aulas e sobre como viria a ser o planejamento levando em conta o contexto da sala e, principalmente, o contexto em que os alunos estão inseridos, criamos o plano de aula sob a supervisão e direcionamento da professora coordenadora.

No dia 11 de Setembro, lecionei a minha primeira aula, juntamente com minha colega de projeto. **(Essa aula não foi somente minha primeira aula no projeto, mas também a minha primeira oportunidade de lecionar durante a minha graduação).** Ao total, tivemos 24 horas de aula, iniciamos no dia 11 de Setembro (numa quarta-feira das 13:30 às 15:30) e concluímos no dia 27 de Novembro do mesmo ano.

Em sala de aula **busquei ouvir os alunos e trazer atividades dinâmicas que pudessem criar uma identificação por parte dos mesmos e os motivassem a participar**



durante a aula. Fora da sala de aula participamos de reuniões (entre nós professoras de inglês e coordenadora do projeto) e nelas discutíamos sobre como foi a aula anterior, o que nos chamou a atenção, quais foram os empecilhos que superamos ou que tínhamos que superar na próxima aula. Além disso, **estudávamos alguns artigos e livros que abordam temas como ensino de inglês, ensino de inglês na terceira idade, educação e envelhecimento etc, para compreender melhor esses temas de maneira mais aprofundada e para que pudéssemos relacioná-los com o contexto da nossa sala de aula.** Durante as semanas anteriores à cada aula, **pesquisávamos o que poderia ser utilizado, quais propostas, recursos, materiais se encaixariam para aplicação do conteúdo a ser estudado de acordo com o que chamava a atenção dos alunos.**

Foi de extrema importância ter cautela com o uso de algumas atividades que podem acabar sendo vistas como atividades infantis, pois, como alguns de nossos próprios alunos relataram, frequentemente, professores e colegas mais jovens tratam os estudantes idosos de maneira infantilizada, como se eles não fossem alunos com diferentes vivências e totalmente capazes de aprender novos temas e aperfeiçoá-los cada vez mais. **Com isso, foi necessário selecionar conteúdos que de fato se adequassem sem que houvesse nenhuma infantilização ou preconceito para com os alunos. (...)**

Ao longo do curso, conhecemos os estudantes, utilizamos diferentes tipos de atividades para descobrir quais se adequam melhor e quais tinham uma maior aprovação e engajamento dos participantes. Dentre essas atividades, utilizamos quebra-cabeças (na aula sobre *Professions*), mas concluímos que essa atividade pode ter sido vista como infantil, pois não promoveu engajamento entre os estudantes. **Utilizamos trechos de séries e fragmentos de vídeos do YouTube os quais tiveram uma maior aprovação; utilizamos algumas músicas atuais e antigas para completar, ambas foram uma ótima ferramenta em sala de aula; também trabalhamos com o gênero entrevista de forma adaptada; esse recurso incentivou bastante os alunos a conversar entre si utilizando a Língua Inglesa.** Ao longo do curso, nós também ajudamos os estudantes a desenvolver uma pequena biografia para que apresentassem na última aula (como em uma sequência didática). Pude perceber que os alunos se esforçaram bastante e fizeram uma boa escrita e apresentação, mostrando que aprenderam a utilizar principalmente *Greetings* e *Personal information* (conteúdos que foram estudados durante o curso), ademais, alguns alunos apresentavam timidez nas aulas ou medo de falar em inglês, mas superaram e apresentaram mesmo assim suas biografias.

Dentre os principais desafios encontrados durante o curso estão o desencorajamento por parte de alguns alunos que acreditavam não serem mais capazes de aprender uma nova língua por serem “velhos demais”; a ausência de alguns alunos que estavam matriculados, mas que não podiam participar de todas as aulas; a quantidade de alunos que era muito baixa. Para superar o desafio do desencorajamento conversei com alguns dos estudantes para desmistificar o ditado popular, segundo o qual “papagaio velho não aprende truque novo”. **Para isso, foi crucial ter estudado os artigos que abordamos nas reuniões de planejamento e estudo, porque neles encontrei o embasamento teórico para argumentar que idosos podem sim aprender coisas novas, mesmo que de maneira diferente. (...)**

Durante o projeto, alguns saberes que eu possuía foram ressignificados, pois foi a partir das leituras, das discussões e das aulas que aprendi que o nível de aprendizagem não diminui com a idade, o ritmo pode diferenciar e se tornar um pouco mais lento, mas isso não significa que haja uma incapacidade; o ensino de Língua Inglesa pode ser lúdico e pode se adaptar às necessidades dos alunos, gerando engajamento e motivação; a pessoa idosa é capaz de se adaptar a novas situações; envelhecer não precisa ser um processo solitário e monótono em que se fica parado vendo os dias passarem; através da educação, a capacidade cognitiva da pessoa idosa pode ser fortalecida atrasando o envelhecimento do cérebro e podem ser estabelecidas conexões com novas pessoas, criando novos laços de amizade; e, por fim, não só se pode aprender uma nova língua na envelhescência, como ela pode ser uma ferramenta que ajuda no fortalecimento do sistema neurológico. (...)



Nossa Análise

Verificamos nas narrativas das professoras que os principais temas mencionados contemplam os desafios enfrentados, o papel do planejamento e do estudo contínuo, a variedade de atividades realizadas e, sobretudo, os saberes ressignificados ao longo da experiência de ensino.

Quanto aos desafios enfrentados, apesar de as professoras terem mencionado a falta de experiência de ensino, o curto período de duração do curso e o fato de a turma ser composta por poucos alunos, dentre outros, ambas apontaram como primeiro desafio em seus relatos (talvez por ser o mais significativo) a descrença (ou falta de confiança) dos alunos idosos em seu próprio aprendizado. Esse fato revela o estereótipo existente (neste caso, por parte dos próprios alunos idosos) de que, quando envelhecemos, não temos mais capacidade de aprender (Pereira, 2009); crença essa refutada expressamente em seus estudos por Porto (2018), Machado, Chaves e Oliveira (2009) e Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2010), conforme citamos anteriormente neste artigo.

No que diz respeito ao papel do planejamento e do estudo contínuo, observamos que ambas as professoras descrevem a forma cautelosa como o planejamento foi realizado, levando sempre em conta os interesses e necessidades dos alunos, assim como orienta Oliveira (2001). Além disso, ambas reconhecem o quanto o estudo e as partilhas contínuas favoreceram o melhor entendimento sobre as principais características dos aprendizes idosos, inclusive as eventuais dificuldades apresentadas (Boianoski; Fernandes, 2006), bem como orientaram sobre as escolhas didático-pedagógicas feitas ao longo do curso.

Com relação ao tema da variedade de atividades realizadas, encontramos nos relatos, principalmente, a descrição de práticas dinâmicas, interativas, que favoreciam o desenvolvimento de habilidades orais e escritas, por meio de ferramentas digitais como vídeos, filmes, músicas e outros, com o propósito de promover uma aprendizagem significativa, favorecendo a integração social e a capacidade criativa dos aprendizes, como defendem Machado, Chaves e Oliveira (2009).

Por fim, identificamos nos relatos das professoras que, por meio da experiência de ensino de inglês para alunos idosos, os principais saberes ressignificados por ambas dizem respeito, principalmente, à desconstrução da crença sobre a incapacidade de aprendizado ao longo da vida. Constatamos, por meio deste estudo que, assim como seus próprios alunos, tanto a professora A quanto a professora B revelaram em seus



relatos que, além de “*quebrar[em] o estereótipo*” (professora A) de que não é possível aprender inglês na terceira idade, ampliaram esse entendimento ao reconhecerem que o aprendizado da língua-alvo nesta faixa etária pode promover benefícios cognitivos, afetivos e sociais (Borges, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos promover reflexão sobre os saberes construídos por duas professoras de inglês em formação inicial no ensino para alunos idosos em um curso de extensão na UAMA com base em seus relatos.

Por meio desses textos, as professoras revelaram os desafios enfrentados, o papel do planejamento e do estudo contínuo nesse processo, a variedade de atividades realizadas ao longo do curso e, sobretudo, os saberes ressignificados ao longo da experiência de ensino. Verificamos que, dentre os desafios citados, o que parece ter sido o mais significativo para as professoras foi a descrença inicial dos próprios aprendizes em sua capacidade de aprender, aspecto este revelado por elas mesmas em suas narrativas como seus principais saberes ressignificados ao longo da experiência.

Entendemos que essa crença generalizada na incapacidade de aprender da pessoa idosa traduz, na verdade, uma falta de conhecimento da sociedade em geral sobre suas reais capacidades cognitivas ao longo da vida. Por isso, acreditamos que, assim como aconteceu com as professoras colaboradoras deste estudo, quanto mais estudarmos e pesquisarmos sobre o envelhecimento ativo e, sobretudo, vivenciarmos interações legítimas com aprendizes idosos, nos mais variados contextos, mais saberes serão ressignificados e melhor atenderemos as demandas dessa população crescente no nosso país e no mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Luiza; ORDONEZ, Tiago Nascimento; LIMA-SILVA, Thaís Bento de; BATISTONI, Samila Sathler Tavares; YASSUDA, Mônica Sanches; MELO, Ruth Caldeira de; DOMINGUES, Marisa Accioly; LOPES, Andrea; CACHIONI, Meire. Estilos de Aprendizagem na velhice: uma investigação entre idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 15, (Especial14), p. 155–179, 2013.

BOIANOSKI, Célia Regina; FERNANDES, Paulo Henrique Capillé. O professor de língua inglesa: ensinando a terceira idade. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL



DE EDUCAÇÃO DA PUCPR – PRAXIS, 6., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2006. p. 1112-1121.

BORGES, Elyonara Ferreira. **The best age to learn English:** an action research at Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). 2016. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2016.

BORGES, Elyonara Ferreira; SILVEIRA, Karyne Soares Duarte. O aspecto afetivo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira para idosos. **Discursividades**, v. 8, n. 1, p. 30-60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29327/256399.8.1-2>.

BRITO, Júlia Maria Neves de. **Ensino de inglês para idosos:** estudo de caso sobre metodologias e atividades pedagógicas na UAMA. 2018. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2018.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MACHADO, Hayat Boulos; CHAVES, Maria Inês; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Inglês na terceira idade: um sonho tornando-se realidade. **Revista Conexão** UEPG, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 36-38, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3774>.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Docência para a Terceira Idade. **Revista Olhar do Professor**, Ponta Grossa, Editora UEPG, v. 4, n. 1, p. 21-32, 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1359>. Acesso em: 24 out. 2025.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Flávia da Silva. **A Universidade Aberta para a Terceira Idade na UEPG:** trabalho e formação docente. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

PEREIRA, Elizabeth Thomaz. **A terceira idade na universidade aberta:** navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PORTO, Maria Augusta Rocha. **Tempo cognitivo e tempo social nas aulas de inglês para a envelhecimento e terceira idade.** São Paulo: Blucher, 2018.

SILVEIRA, Karyne Soares Duarte. **“A gente já cresceu muito”:** dos des/encontros da formação docente inclusiva aos indícios de desenvolvimento profissional no ensino de inglês para idosos. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

VALENTE, José Armando. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: KACHAR, Vitória (org.) **Longevidade:** um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001. p. 27-44.

